

SAÚDE MENTAL DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS EM MOÇAMBIQUE: EXPERIÊNCIAS DE UMA RODA DE CONVERSA

Mental health of university students in Mozambique: experiences from a wheel conversation

Santé mentale des étudiants universitaires au Mozambique: expériences d'une ronde de conversation

Salud mental de estudiantes universitarios en Mozambique: experiencias de una rueda de conversación

Ana Cláudia Almeida Machado¹©

Universidade de Brasília, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura, Brasília, DF, Brasil²

Augusto Joaquim Guambe³©

Universidade Eduardo Mondlane, Departamento de Psicologia Clínica, Maputo, Moçambique

Larissa Polejack⁴©

Universidade de Brasília, Departamento de Psicologia Clínica, Brasília, DF, Brasil

Eliane Maria Fleury Seidl⁵©

Universidade de Brasília, Departamento de Psicologia Clínica, Brasília, DF, Brasil

Bento Daniel Saloio Mazuze⁶©

Universidade Eduardo Mondlane, Departamento de Psicologia Clínica, Maputo, Moçambique

Emílio Peres Facas⁷©

Universidade de Brasília, Departamento de Psicologia Social e do Trabalho, Brasília, DF, Brasil

Resumo

Este artigo apresenta um relato de experiência ocorrida em 2018 em uma universidade pública moçambicana. Trata-se de uma roda de conversa desenvolvida junto a estudantes matriculados em disciplina do curso de psicologia, com o objetivo de abordar a temática da saúde mental no contexto universitário. Participaram da atividade aproximadamente 20 estudantes de ambos os sexos, com idades variando entre 20 e 30 anos. A atividade permitiu com que os estudantes compartilhassem entre si os aspectos ligados à vida universitária que impactavam suas vivências de bem-estar e mal-estar no contexto acadêmico. Dentre elas, destacam-se questões interpessoais, em especial no tocante ao relacionamento entre os colegas; questões administrativas, que se relacionam com as regras impostas por parte dos docentes em suas disciplinas; e questões estruturais, que dizem respeito às condições de trabalho oferecidas pela universidade. Aspectos positivos e negativos foram mencionados nas três vertentes. A roda de conversa possibilitou maior interação entre estudantes, estimulou a empatia entre os colegas e permitiu elaboração conjunta de novos modos de solução dos problemas. Também propiciou o compartilhamento de idéias

¹ naclau@gmail.com

² Campus Universitário Darcy Ribeiro, ICC Ala Sul, Bloco A, Sala AT 028/7, Brasília-DF, CEP: 70910-900

³ guambe26@gmail.com

⁴ larissapolejack@hotmail.com

⁵ eliane.seidl@gmail.com

⁶ loymz@yahoo.com.br

⁷ emiliopf@gmail.com

a respeito de melhorias no relacionamento entre discentes e docentes, assim como sobre o aprimoramento de aspectos relacionados à estrutura física da universidade.

Palavras-chave: Roda de conversa; Estudantes universitários; Saúde mental; Psicodinâmica do Trabalho.

Abstract

This paper presents an experience report from 2018 at a Mozambican public university. It is about conversation wheel which has been developed with students enrolled in the discipline of the psychology course, with the objective of addressing the theme of mental health in the university context. Approximately 20 students of both sexes, aged between 20 and 30 years old, participated in the activity. The activity allowed students to share aspects related to university life that impacted their experiences of well-being and discomfort in the academic context. Among them, interpersonal issues stand out, especially regarding the relationship between colleagues; administrative, which relate to the rules imposed by teachers in their subjects; and structural, which concern the working conditions offered by the university. Positive and negative aspects were mentioned in all three strands. The conversation wheel provided greater interaction between students and stimulated empathy among colleagues and allowed joint elaboration of new ways of solving problems. It also provided the sharing of ideas about improvements in the relationship between students and teachers and about the improvement of aspects related to the physical structure of the university.

Keywords: Wheel of conversation; University students; Mental health; Work Psychodynamics.

Résumé

Cet article présente un rapport d'expérience de 2018 dans une université publique du Mozambique. Il s'agit d'une roue de conversation développée avec les étudiants inscrits à la discipline du cours de psychologie, dans le but d'aborder le thème de la santé mentale dans le contexte universitaire. Environ 20 étudiants des deux sexes âgés de 20 à 30 ans ont participé à l'activité. Cette activité a permis aux étudiants de partager des aspects de la vie universitaire ayant une incidence sur leurs expériences de bien-être et d'inconfort dans le contexte universitaire. Parmi eux, les questions interpersonnelles se distinguent, en particulier en ce qui concerne les relations entre collègues; administrative, qui se rapportent aux règles imposées par les enseignants dans leurs matières; structurelles, qui concernent les conditions de travail offertes par l'université. Des aspects positifs ont été mentionnés dans les trois volets. La roue de conversation a permis une plus grande interaction entre les étudiants et a stimulé l'empathie entre collègues et a permis l'élaboration commune de nouvelles méthodes de résolution des problèmes. Il a également permis de partager des idées sur l'amélioration des relations entre étudiants et enseignants et sur l'amélioration d'aspects liés à la structure physique de l'université.

Mots clés: Ronde de conversation; Étudiants universitaires; Santé mentale; Psychodynamique du Travail.

Resumen

Este artículo presenta un informe de experiencia de 2018 en una universidad pública mozambiqueña. Es una rueda de conversación desarrollada con estudiantes matriculados en la disciplina del curso de psicología, con el objetivo de abordar el tema de la salud mental en el contexto universitario. Aproximadamente 20 estudiantes de ambos sexos, con edades entre 20 y 30 años, participaron en la actividad. La actividad permitió a los estudiantes compartir aspectos relacionados con la vida universitaria que impactaron sus experiencias de bienestar y malestar en el contexto académico. Entre ellos, destacan los problemas interpersonales, especialmente en relación con la relación entre colegas; administrativo, que se relaciona con las reglas impuestas por los maestros en sus materias; y estructural, que concierne a las condiciones de trabajo ofrecidas por la universidad. Se mencionaron aspectos positivos en los tres capítulos. La rueda de conversación proporcionó una mayor interacción entre los estudiantes y estimuló la empatía entre colegas y permitió la elaboración conjunta de nuevas formas de resolver problemas. También proporcionó el intercambio de ideas sobre mejoras en la relación entre estudiantes y docentes y sobre la mejora de aspectos relacionados con la estructura física de la universidad.

Palabras clave: Rueda de conversación; Estudiantes universitarios; Salud mental; Psicodinámica del Trabajo.

Introdução

A Roda de Conversa a que se refere este artigo ocorreu no âmbito do Projeto Pró-Mobilidade Internacional da Coordenação de Apoio ao Pessoal de Ensino Superior (CAPES) e Associação das Universidades de Língua Portuguesa (AULP). A cooperação CAPES-AULP estabelecida entre o Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília (PCL-IP-UnB) e o Curso de Psicologia da Faculdade de Educação da Universidade Eduardo Mondlane (FACED-UEM) permitiu o intercâmbio de pesquisadores entre as instituições. Docentes, estudantes de graduação e doutorandos de ambas as universidades, durante os quatro anos de existência do projeto (2014 a 2018), visitaram as instituições dos países estrangeiros para troca de experiência, aprendizagem e desenvolvimento de pesquisas e outros tipos de projetos acadêmicos.

Dentre as atividades desempenhadas pelos doutorandos brasileiros na UEM estava a prática docente em disciplinas regulares do curso de Psicologia, cuja titularidade pertencia a um docente local. No ano de 2018, quando a Roda de Conversa foi desenvolvida, a disciplina onde a mesma foi realizada era conduzida em parceria entre um docente local da UEM e a docente visitante, estudante de doutorado em psicologia clínica e cultura da UnB com experiência em docência em ensino superior. Os estudantes que participaram da atividade tinham entre 20 e 30 anos de idade, eram em sua maioria do sexo feminino e não trabalhavam. A maior parte residia com sua família nuclear, sendo poucos deles casados e/ou com filhos.

O que motivou a realização da atividade foi o interesse que os estudantes demonstraram em aprofundar seus conhecimentos sobre a técnica da roda de conversa, cujo o interesse foi despertado quando a mesma lhes foi apresentada teoricamente, já que uma das aulas do conteúdo programático da disciplina previa leitura de um texto que abordava técnicas para o exercício profissional do psicólogo que atua em contextos grupais.

Roda de Conversa: aspectos conceituais e metodológicos

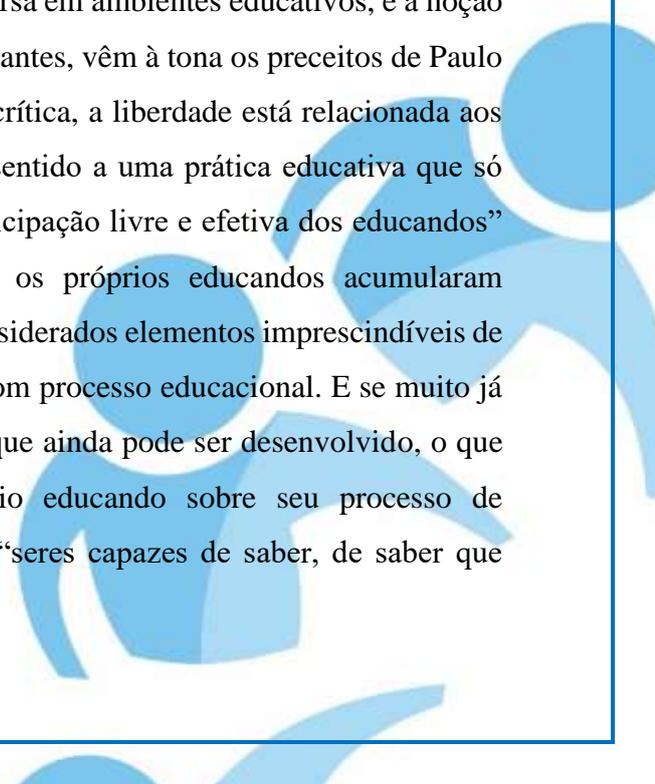
A roda de conversa é um instrumento metodológico que busca compartilhar pontos de vista de um grupo sobre assuntos diversos sobre temas gerais ou específicos, por meio do exercício de reflexão mútua. Para produzir efeitos, é necessário que a roda de conversa vá além da capacidade de argumentação lógica dos participantes, uma vez que sua construção ocorre justamente por meio da relação estabelecida respeitosamente com o outro, do saber ouvir e do enfrentamento às diferenças (Warschauer, 2001). Como os participantes das rodas de conversa

possuem histórias de vida diferentes, é necessário considerar que também serão distintas as dinâmicas contidas nas falas proferidas pelo grupo, já que os diálogos não necessariamente são construídos sob a mesma estrutura lógica, tendo em vista a diversidade peculiar em contextos grupais. Cada roda de conversa é uma experiência única, ocorre por meio da interação entre os participantes e é mediada por um coordenador (Warschauer, 2002).

No caso de rodas de conversa desenvolvidas em ambientes educativos, em especial quando os participantes são os estudantes e os coordenadores são professores, é importante notar se, de fato, lhes está sendo assegurado o livre exercício da fala, ou a plena liberdade para se expressarem. Esse cuidado especial merece ser dispensado em todas as situações em que houver uma situação de hierarquia previamente estabelecida, seja ela oficial (como em instituições militares ou religiosas), normativa (chefes em relação aos subordinados ou profissionais de saúde em relação aos pacientes) ou cultural (adultos diante grupo de jovens, líderes comunitários diante membros da comunidade). Em situações específicas, os estudantes podem se beneficiar da participação em rodas de conversa coordenadas por seus professores quando a profissão que exercerão requer o uso da técnica, como é o caso dos cursos das áreas da saúde e educação. Acredita-se que a participação dos estudantes como partes integrantes da roda, além de permitir-lhes compartilhar pontos de vista próprios sobre determinados assuntos, pode propiciar uma experiência empática em relação aos participantes das rodas de conversa nas quais futuramente atuarão como coordenadores, em seu exercício profissional.

A noção freiriana de educação libertadora

Quando se fala na realização das rodas de conversa em ambientes educativos, e a noção freiriana de educação libertadora da liberdade aos estudantes, vêm à tona os preceitos de Paulo Freire sobre educação libertadora. Segundo sua visão crítica, a liberdade está relacionada aos ideais de autonomia e libertação e é ela que “atribui sentido a uma prática educativa que só pode alcançar efetividade e eficácia na medida da participação livre e efetiva dos educandos” (Freire, 2003, p. 13). Além disso, os saberes que os próprios educandos acumularam previamente, incluindo sua experiência de vida, são considerados elementos imprescindíveis de serem considerados pelo professor para que haja um bom processo educacional. E se muito já foi acumulado, ênfase também deve ser dada sobre o que ainda pode ser desenvolvido, o que ocorrerá por meio de uma visão crítica do próprio educando sobre seu processo de aprendizagem. Para Freire (2000), os estudantes são “seres capazes de saber, de saber que



sabem, de saber que não sabem. De saber melhor o que já sabem, de saber o que ainda não sabem” (p. 40).

A visão freiriana de educação rompe com a lógica de um professor detentor do conhecimento absoluto em contraposição a estudantes que captam passiva e acriticamente o saber sagrado, uma vez que há a dissolução da figura tradicional do mestre (Freire, 1970). Parte-se da idéia de que, para ensinar é preciso antes, aprender. Segundo o autor, “aprender precedeu ensinar, ou, em outras palavras, ensinar se diluía na experiência realmente fundamente de aprender” (Freire, 1996, p. 26).

Sem relação não há aprendizagem. A ideia de estudantes sendo “tábulas rasas”, prontos para sofrerem doutrinação, é leviana ou, minimamente, ingênua. Em ambientes educacionais onde a liberdade está assegurada, nos quais os professores creem ser possível aprender, eles próprios, com os estudantes, o único risco é o de precisar se transformar a cada instante para que, de fato, se consiga apreender a realidade circundante. Para Freire (1996), “transformar a experiência educativa em puro treinamento é amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo: seu caráter transformador” (p. 37).

A noção de sujeito social é outro aspecto a ser considerado quando se deseja ter uma educação transformadora e emancipadora, a qual apenas será alcançada por meio do exercício da democracia, e não apenas de um ideal democrático. Freire (1979) parte do pressuposto de que é a partir da democratização que “as massas populares começam a se procurar e a procurar seu processo histórico” (p. 37). Assim, a educação, quando verdadeiramente exercida, transforma-se em uma “arma anti-letal” capaz de devolver aos oprimidos a liberdade que lhes é inerente, assim como de exterminar injustiças sociais praticadas secularmente contra um povo ou contra uma nação.

Universidade Eduardo Mondlane – UEM: breve contextualização

A Universidade Eduardo Mondlane é a mais antiga instituição de ensino superior em Moçambique e está mudando de paradigma, de uma instituição de ensino por excelência para uma universidade de investigação e extensão. O ensino no nível de graduação é público e no de pós-graduação é privado. Têm sido desenvolvidos programas de formação contínua dos docentes em grau de mestrado e doutorado, sendo assim vêm sendo estabelecidos projetos de cooperação internacional em parceria com universidades de diversos locais do mundo, em especial de países de língua portuguesa.

A conjuntura política, sócio-cultural e econômica, nacional e internacional de Moçambique, ainda que caracterizada pelo desenvolvimento e pelo progresso, é também marcada pela vulnerabilidade e riscos a que a esfera humana está sujeita, especialmente no que se refere à desigualdade e exclusão sociais, tensões e conflitos, estabelecidos sob uma economia de mercado. Uma das principais consequências de tal conjuntura é a acentuação de desigualdades sócio-econômicas, onde a grande maioria da sociedade vive em condições de pobreza absoluta, com repercussões ao nível psicológico e comportamental. Dentre as causas desses sintomas, destacam-se o desemprego e subemprego, a violência, a criminalidade, o consumo e dependência de substâncias psicoativas, o tráfico humano, os assédios de várias ordens, a sinistralidade rodoviária, a pandemia do HIV/Aids, o divórcio, a morte, o luto, as doenças graves, o enfrentamento de situações de extrema pobreza, a pressão social e ambiental, os riscos e a incapacidade de adaptação a novas condições de vida.

Todas essas questões são relevantes para a prática do profissional de psicologia que atua no país. O curso de Licenciatura em Psicologia da UEM foi criado em 2002 e está desenvolvido em três vertentes: Psicologia das Organizações (PDO), Psicologia Escolar e das Necessidades Educativas Especiais (PENEE) e Psicologia Social e Comunitária (PSC). O curso de Psicologia está vinculado à Faculdade de Educação (FACED) da UEM. Na pós-graduação, desde 2013 é ofertado curso de Mestrado em Terapia Familiar e Comunitária e, atualmente, está em criação o Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde. O curso de Doutorado em Educação, que recepciona profissionais oriundos da Psicologia, foi recentemente implantado.

Justificando a realização da roda de conversa sob o referencial teórico da Psicodinâmica do Trabalho

O tema da roda de conversa foi a saúde mental no contexto universitário. Foi definido antes da realização da atividade que uma aula de 4 horas seria exclusivamente dedicada à sua realização.

O que motivou a escolha do tema foi o interesse demonstrado pelos estudantes em relação ao conteúdo de palestra que havia sido proferida algumas semanas antes sobre a temática da saúde mental no trabalho, mais especificamente, a respeito dos pressupostos teóricos da Psicodinâmica do Trabalho (PdT), também ministrada pela docente visitante. De forma a contemplar ambos os temas – a PdT como teoria e a Roda de Conversa como técnica – os docentes e os estudantes concordaram com o tema central da atividade.

De forma resumida, a PdT é uma teoria geral de origem francesa que aborda a relação entre subjetividade e trabalho, sendo seu foco a saúde mental no trabalho. Para essa teoria, o trabalho nasce do sofrimento, pois é justamente a partir do incômodo do trabalhador ante a possibilidade de fracassar que nasce o trabalho. Esse sofrimento original, contudo, pode encontrar dois destinos, o do sofrimento criativo ou o do sofrimento patológico.

Segundo Dejours e Abdouchelli (1994), o sofrimento patológico ocorre quando há pressões, frustrações, medo, sentimento de impotência, quando não há mais margem de liberdade para transformar e aperfeiçoar a organização do trabalho. Para os autores (Dejours & Abdouchelli, 1994), após terem sido explorados todos os recursos defensivos, o sofrimento começa a destruir o aparelho mental e o equilíbrio psíquico do sujeito, conduzindo, assim, à margem indesejada dos destinos possíveis ao sofrimento original, que é o sofrimento patogênico. Para que não culmine em uma doença, a organização do trabalho deve assegurar ao trabalhador a liberdade para utilizar sua inteligência e criatividade visando à transformação das situações de trabalho que fazem sofrer, cenário esse que é o do sofrimento criativo.

Trabalhar é conhecer a experiência do real. É defrontar-se com o novo, com o inesperado, com o imprevisível. Para Dejours (2004), todo trabalho recebe a influência do real e essa experiência não é técnica, mas sim afetiva, já que trabalhar é fracassar, é sofrer. A emancipação do trabalhador ocorre no momento em que o mesmo se apropria do sofrimento para ressignificá-lo, superá-lo e transformá-lo. O sofrimento, por si só, não é necessariamente o estopim para o adoecimento no trabalho – ao contrário, ele pode servir de ponto de partida para que o trabalhador saia em busca de meios para transformar esse sofrimento em prazer e conquistar saúde.

Mendes (2011) afirma que, no trabalho, a transformação do sofrimento em prazer ocorre em organizações do trabalho que possuem duas características: a primeira, de oferecer ao trabalhador uma margem de liberdade que leva em consideração seus desejos e necessidades pessoais, e a segunda, de possuir relações socioprofissionais abertas, democráticas e justas. Para a PdT, trabalho saudável é aquele que permite a transformação do sofrimento em prazer e não aquele onde não há vivências de sofrimento, pois ele está na gênese do trabalho.

Outro aspecto que influencia as vivências de prazer-sofrimento é a coletividade no trabalho, já que o desmoronamento dos laços sociais entre colegas tem sido cada vez mais relacionado à ocorrência de doenças mentais em trabalhadores. A solidariedade entre os pares pode ser negativamente afetada quando se incentiva a concorrência entre os próprios colegas. Tal competitividade pode ser incitada por meio da instauração de mecanismos de controles

individualizados e sistemáticos, apoiados por sistemas de informação de alto desempenho (Sznelwar, Uchida & Lancman, 2011).

De forma a contemplar ambos os temas – a PdT como teoria e a Roda de Conversa como técnica – os docentes e os estudantes concordaram com o tema central da atividade.

Ressalta-se que a Psicodinâmica do Trabalho é uma disciplina teórica e clínica, e possui metodologia própria, denominada Clínica do Trabalho. A escuta ativa e livre do trabalhador deve ocorrer de modo coletivo, com base nos preceitos da psicanálise, sem direcionamento dos temas a serem abordados por parte do pesquisador, já que a entrevista deve ser aberta ou não-estruturada. Sendo assim, utilizar os pressupostos da PdT por meio de um método não clínico e, de certa forma, semi-estruturado, como foi a condução da Roda de Conversa, não permite sua classificação como uma atividade de intervenção em PdT. No entanto, para ser leal ao referencial teórico que inspirou a atividade, há que se fazer essa menção. Houve, todavia, a necessidade de realizar adaptações da teoria para que a atividade pudesse ser desenvolvida no ambiente universitário.

Primeiramente, há de se destacar que estudantes não são trabalhadores ou, ao menos, não pertencem a um coletivo de trabalhadores, ainda que, individualmente, haja aqueles que exercem alguma atividade laboral. A adaptação da teoria, que originalmente é voltada ao trabalhador, para ser utilizada em um contexto universitário, precisou considerar as diferenças quando da utilização de alguns temas clássicos, tais como: organização de trabalho; coletivo de trabalho; reconhecimento; relação com chefias, dentre outros. Foi, portanto, necessário adaptá-los: ao invés de se falar do relacionamento com as chefias, abordou-se a relação dos estudantes com seus professores; já as discussões sobre o coletivo de trabalho recaiu sobre o relacionamento que há entre os colegas de turma; a organização do trabalho (instituição) era a própria universidade, com suas regras, metas, exigências e prazos; as recompensas materiais eram as notas e menções alcançadas, já as simbólicas, os elogios, etc. Esse conteúdo e tal troca não foram impostos previamente, ao contrário, foram emergindo naturalmente durante a realização da roda.

Há também que se esclarecer que a PdT atenta o olhar sobre as estratégias de mediação do sofrimento, ou sobre o modo como os trabalhadores enfrentam as vivências de sofrimento e as transformam em prazer. As principais estratégias, que são o uso de defesas e mobilização subjetiva (individual ou coletiva) também foram abordadas considerando as especificidades do ambiente universitário.

As defesas conduzem os trabalhadores a minimizar, transformar, modificar a realidade que os faz sofrer e surgem quando o trabalho não permite que sejam utilizadas outras formas

de lidar com o sofrimento (Dejours & Abdoucheli, 1994). Se, por um lado, o uso de defesas protege do sofrimento psíquico, por outro, causa uma estabilidade psíquica artificial.

Já a mobilização subjetiva difere das estratégias defensivas, uma vez que implicam na ressignificação do sofrimento (Mendes, 2007). Requer o uso da inteligência pelo trabalhador e seu uso está ligado à dinâmica entre contribuição e retribuição que um trabalhador vivencia no contexto de trabalho (Dejours, 1992), passando pelo reconhecimento e cooperação entre colegas de trabalho (Mendes & Duarte, 2013).

Comparando-se ambas as estratégias, pode-se dizer que, quando experienciam uma situação desagradável, os trabalhadores podem lançar mão de estratégias de defesa para minimizar os efeitos nocivos do sofrimento no trabalho, mantendo, assim, ainda que de forma precária, a saúde mental no trabalho, ou então, podem fazer uso da mobilização subjetiva, ampliando as possibilidades de vivências de prazer (Amaral, Mendes & Facas, 2019).

Curiosamente, apesar das diferenças entre os ambientes laboral e universitário, a ideia de utilizar conteúdos teóricos especificamente formulados para o mundo do trabalho permitiu acessar conteúdos bastante significativos sob o ponto de vista da saúde mental dos estudantes universitários, como será descrito a seguir.

Procedimentos

A atividade foi desenvolvida no âmbito da disciplina visando à discussão dos aspectos relacionados à temática proposta, o que justifica o fato da mesma não se configurar prioritariamente como uma atividade de ensino ou de pesquisa propriamente ditas, mas sim, como uma vivência em sala de aula. O relato da experiência aqui compartilhado tem como objetivo inspirar que sejam desenvolvidas iniciativas similares, em especial no contexto universitário. A indisponibilidade de dados sobre indicadores de saúde no contexto acadêmico moçambicano é um dos fatores que justificam a necessidade de que estudos dessa natureza sejam realizados e divulgados nesse cenário.

Não foi exigida presença em sala de aula nesse dia em específico, visto essa ser uma atividade complementar previamente agendada, porém houve poucas ausências. Da aula teórica onde foi trabalhado o texto sobre Roda de Conversa participaram ambos os docentes, o titular moçambicano e visitante (doutoranda brasileira), porém, foi estabelecido conjuntamente entre os professores e a turma o compromisso prévio de que o docente titular não iria permanecer em sala durante a realização da atividade, já que o mesmo pertence ao quadro de professores regulares da instituição. Isso foi feito no intuito de garantir a máxima liberdade possível aos

estudantes. Foi também combinado previamente que os principais temas abordados durante a atividade seriam levados ao conhecimento do professor titular, para que o mesmo tentasse intermediar ações capazes de gerar melhorias, em nome de todo o grupo, sem identificar os estudantes. Durante a palestra sobre Psicodinâmica do Trabalho, alguns estudantes manifestaram sintomas de mal-estar psíquico em relação à sua vivência universitária, os quais não se diferem, de forma significativa, daqueles encontrados nos ambientes universitários brasileiros, apesar das diferenças culturais entre os países.

No início da aula programada para acontecer a roda de conversa, os estudantes foram convidados a participar da arrumação da sala de aula, que deveria conter um círculo formado por cadeiras escolares. Primeiramente, os alunos tiveram a iniciativa de arrumar o círculo não apenas com as cadeiras, mas também com as carteiras, o que se justificou pelo interesse de fazerem anotações durante a atividade. Foi necessário esclarecer que as carteiras não seriam necessárias por duas razões principais: primeiramente, pelo fato de que os mesmos participariam da atividade não no papel de estudantes, mas como integrantes de uma roda de conversa real, na qual poderiam manifestar-se livremente, e não como aprendizes. Percebeu-se que os discentes receberam essa instrução com certa surpresa, o que demonstrou que não são comuns atividades em sala de aula que não seguissem o formato de aulas expositivas. Além disso, foi assegurado aos estudantes a oportunidade de futuramente participar de outra roda de conversa, dessa vez já no papel de coordenadores, a qual seria supervisionada pelos docentes da disciplina, se esse fosse o seu desejo. Após a realização da atividade, foi disponibilizado um espaço para questionamentos, dúvidas e comentários sobre a técnica utilizada.

Como a arrumação com as carteiras estava adiantada no horário programado para o início da atividade, decidiu-se não desfazer essa disposição para logo dar-se início aos trabalhos, com os estudantes então sentados sobre as carteiras dispostas em formato de roda, e não nas cadeiras, como era inicialmente previsto. Esse fato acabou conferindo um ar mais descontraído à atividade e contribuiu com a criação de um clima de informalidade entre os participantes, além de ter propiciado uma maior aproximação física, facilitando a interação.

Cabe informar que o ambiente universitário em Moçambique pode ser considerado super formal se comparado com o brasileiro. Os professores são chamados de doutores pelos estudantes, mesmo que não possuam tal titulação. Os trajes e formalidade nas falas e comportamentos dos professores podem ser elementos dificultadores de uma aproximação que facilite trocas entre os mesmos e os estudantes, o que não necessariamente impede a aprendizagem, mas pode influenciar no desenvolvimento da liberdade e exercício da autonomia por parte dos estudantes.

O fato de a condução da roda de conversa ter ficado a cargo da docente brasileira pode ter contribuído para um clima descontraído, o que foi importante para que se tenha alcançado os resultados a que se chegaram com a atividade. Ainda sobre o espaço físico, há que se destacar que a coordenadora permaneceu, pela maior parte do tempo, sentada nas carteiras, tal qual o fizeram os participantes, conferindo maior interação e desfazendo a hierarquia esperada entre um docente e estudantes naquele contexto. Quando foi necessário, a mesma também circulou pelo centro da roda e se dirigiu à lousa, o que de algum modo contribuiu para o dinamismo da atividade. Nenhum material, além de lousa e pincel, foi utilizado. As falas dos participantes iam sendo registradas pela coordenadora na lousa por meio da anotação de palavras ou expressões que exprimissem a ideia central do conteúdo que ia sendo proferido.

A atividade teve duração aproximada de duas horas e foi dividida em três momentos: o estabelecimento de acordos; a roda de conversa propriamente dita; e o encerramento. À medida que os dados iam sendo coletados na lousa, a coordenadora os agrupava respeitando-se sua similaridade semântica ou de sentido. A classificação utilizada foi definida de forma subjetiva, porém, os temas que emergiram foram agrupados respeitando-se a associação entre os mesmos.

Após o encerramento da roda de conversa, os estudantes puderam realizar comentários sobre a atividade, com foco na possibilidade de utilizarem a técnica da roda de conversa em seu futuro exercício profissional.

Resultados e discussão

As regras acordadas pelo grupo incluíam a importância de se respeitar a fala do outro, o direito de todos fazerem uso da palavra, a garantia da liberdade de expressão combinada à promessa de sigilo sobre o conteúdo da roda de conversa, a relevância de que houvesse uma escuta ativa de todos em relação às falas, e o tempo de duração da atividade. Além disso, chegou-se ao consenso de que seria importante que, diante de uma possível discordância de opinião, houvesse cautela quando da exposição do contraditório.

Os estudantes foram motivados a discorrerem sobre três temas ligados à saúde mental no ambiente universitário: aspectos interpessoais, que dizem respeito ao relacionamento entre os próprios colegas, aspectos denominados administrativos, sobre aspectos ligados ao modo de organização do curso e das disciplinas, e aspectos estruturais, ligados às condições de estudo proporcionadas pela universidade. Ressalta-se que as expressões em aspas foram adaptadas para o português usado no Brasil.

Aspectos interpessoais

O que aparentemente mais compromete o bem-estar dos universitários são conteúdos relativos ao primeiro aspecto. Os aspectos interpessoais motivaram a maior quantidade de falas e também aquelas que davam mais ênfase nas dificuldades enfrentadas pelos estudantes. O segundo ponto, que dizia respeito às regras, modos de avaliação, prazos, etc., de certo modo também engloba temas ligados ao relacionamento entre estudantes e professores, porém, de forma secundária, pois o relacionamento associa-se ainda mais à atuação do docente em sala de aula. Foram mencionadas vivências de sofrimento e de prazer sobre esse aspecto e ficou evidente que não é possível fazer generalizações, pois a relação que se estabelece com cada professor é singular e gera experiências bastante diferentes entre si. O terceiro ponto levanta questões estruturais, aquelas relacionadas ao ambiente físico oferecido pela universidade para a realização das atividades curriculares e extracurriculares. Em linhas gerais, os temas relacionados a esse aspecto foram considerados insuficientes para garantia de vivências de prazer aos estudantes. Os três aspectos serão apresentados de forma mais específica a seguir.

Em relação ao aspecto interpessoal, que aparentemente é a principal fonte de mal-estar por parte dos estudantes, parece haver pouca tolerância à diversidade entre os colegas, uma vez que se enfatizou a “não-aceitação de ideias opostas” e o fato de que “colegas marginalizam opiniões diferentes da sua”. A falta de solidariedade em sala de aula também ficou evidente. Os estudantes disseram ser incômoda a “falta de solidariedade experimentada principalmente quando da apresentação de seminários em grupo nas disciplinas”, o que foi reforçado por duas outras queixas, a de que há “pouca colaboração nas atividades que exigem trabalho de campo” e a “indisponibilidade de colegas para colaborar nas atividades em grupo”.

Outro ponto importante mencionado nesse aspecto foi o “excesso de comentários depreciativos pelas costas por parte dos colegas”, ou “fofocas”. Inclusive, quando lhes foi apresentada a expressão “fofoca”, houve um momento descontraído em meio ao ambiente tenso que os relatos vinham trazendo, pois essa é uma expressão que não é comum no português praticado em Moçambique, cuja inspiração é no português de Portugal e nos inúmeros dialetos locais.

Sobre o relacionamento entre colegas, ainda foi mencionado que “a socialização de novos estudantes é algo praticamente inexistente”. Pelo fato das turmas serem formadas por um grupo praticamente fixo de estudantes, que estão juntos desde o primeiro semestre do curso, quando novos estudantes se matriculavam em uma disciplina da grade daquela turma,

independentemente do motivo pelo qual isso ocorreu, os mesmos não sentiam acolhidos pelos colegas.

As estratégias utilizadas pelos estudantes para enfrentarem o sofrimento relacionado a esse aspecto podem ser classificadas, principalmente, pelo uso recorrente de defesas, como por exemplo, lançam mão da tática de “afastamento dos colegas que pensam diferentemente de mim”, de modo a evitar conflitos, assim como envidam um “esforço de se unirem àqueles que pensam da mesma forma que eu”, mesmo que sejam grupos minoritários, ou tentam “não se deixar afetar pela rejeição dos colegas”.

Aspecto administrativo

Sobre o aspecto administrativo, foi mencionado haver “rejeição das ideias dos estudantes por parte de alguns docentes”. Apesar de terem enfatizado que essa característica diz respeito a apenas alguns professores e não a todo o corpo docente, ficou explícito que tal fato é um importante componente do mal-estar no ambiente universitário, em virtude da rápida concordância dos colegas sobre esse ponto sempre que algo relacionado a essa impressão era verbalizado. Aliado a isso, também foi dito que o “culto à formalidade” na relação com os docentes acabava gerando como consequência a “falta de liberdade para questionar o professor quando surgiam dúvidas”, pois, por diversas vezes, presenciaram que os colegas que fizeram comentários ou perguntas ao docente de um modo mais descontraído foram mal interpretados e passaram por situações consideradas, de certo modo, constrangedoras. Ainda sobre esse aspecto, houve reclamações quanto ao fato de que “há docentes que nunca têm tempo para conversar com os estudantes”, pois estão sempre ocupados quando não estão em sala de aula.

Outro aspecto relevante diz respeito à forma de avaliação das atividades de algumas disciplinas. Mencionou-se que, por vezes, “falta clareza nos critérios de avaliação” por parte do docente e, em outras ocasiões, que “os critérios de avaliação são subjetivos”, o que gera insegurança e sentimento de injustiça nos estudantes. Ainda sobre esse tema, falou-se sobre “falsas promessas em relação às formas de avaliação” e, como exemplos, mencionaram que algumas atividades não eram pontuadas no somatório para a nota final na disciplina.

Como aspecto positivo, os participantes mencionaram que há professores que habitualmente estabelecem as regras a serem cumpridas na disciplina coletivamente com os estudantes, incluindo quais serão os critérios de avaliação adotados. Evidenciou-se que essa é uma experiência positiva para diminuir os níveis de ansiedade e insatisfação com a disciplina.

Outro tema relacionado às vivências de sofrimento por parte dos estudantes é que “algumas regras impostas pelos docentes não possuem aplicabilidade prática”, e isso diz respeito, principalmente, à intolerância de alguns em relação a atrasos. Dizem-se apreensivos para não chegarem atrasados em certas disciplinas, em virtude do risco do docente não permitir seu ingresso em sala de aula, o que acarreta prejuízo acadêmico, além do incômodo de ter se preparado para assistir à aula e não ter conseguido, muitas vezes por motivos alheios à sua vontade.

Os estudantes ainda apontaram haver uma “falta de congruência entre os princípios ensinados na teoria e sua aplicação em sala de aula”, em disciplinas ministradas por alguns docentes. Entretanto, mencionaram que há experiências positivas em relação a esse tópico, as quais conduzem à manifestação de grande admiração por parte dos discentes, o que inclusive os tornam verdadeiras fontes de inspiração para o exercício da profissão de psicólogos e até mesmo da docência.

Em relação à forma com que usualmente enfrentam essas questões, esse tópico foi o que menos pareceu ser passível de mobilização por parte dos estudantes. Não ficou evidente se os estudantes lançam mão de estratégias de defesa para lidarem com esse sofrimento, porém, ficou clara uma disposição para a mobilização: foi dito que “falta uma postura reativa e conjunta dos estudantes em relação aos docentes que agem desse modo”, o que parece se justificar pelo fraco espírito coletivo entre os colegas, com pouca coletividade, como já foi mencionado no aspecto anterior. Em relação à forma como reagem aos docentes que praticam atos causadores de sofrimento, pode-se especular que os estudantes vivenciam uma experiência de submissão, a qual, segundo Dejours (2019), tem relação com um “estado conflituoso crítico” (p. 260), definida como “uma forma calma da alienação” (p. 259).

Aspectos estruturais

As questões de natureza estrutural também pareceram ser relevantes para garantia de bem-estar. Foi mencionado haver “excesso de estudantes por turma”, o que prejudica o debate de ideias e impossibilita a participação efetiva do coletivo de estudantes. Em especial em um curso de psicologia, onde o exercício de reflexão é valorizado, esse é um aspecto que pode ser aprimorado, segundo os estudantes. Aliado a essa queixa está o fato de que às vezes “as salas de aula são pequenas para a quantidade de alunos matriculados”, o que gera desconforto. Segundo os estudantes, em muitas salas “não há equipamentos de projeção disponíveis”, o que dificulta o acompanhamento do conteúdo da aula.

Também manifestaram “descontentamento com a forma como é gerido o sistema SIGA”, que é o meio pelo qual os estudantes acompanham seu desempenho ao longo da disciplina. Ainda sobre o tema tecnologia, um dos pontos mais questionados foi a “inexistência de acesso gratuito e de qualidade a uma rede de internet sem fio (wi-fi)”, o que os auxiliaria no acesso a materiais de relevância para a elaboração de tarefas. Ainda, demonstraram insatisfação quanto ao fato de que “não há disponível sala de estudos com computadores ligados à internet” capaz de comportar um maior número de estudantes, para que então pudessem passar mais tempo na universidade de forma produtiva.

Sobre outros aspectos ligados ao ambiente físico, segundo os participantes, “as universidades privadas oferecem condições bastante superiores às universidades públicas”. Pontualmente, surgiram as seguintes queixas: “os banheiros próximos às salas de aulas são em quantidade insuficiente e com má manutenção”; “a iluminação da sala de aula é ruim”, incluindo o estado das cortinas, incapazes de evitar reflexos na lousa ou proteger do sol; “não há ar-condicionado para enfrentar os meses de altas temperaturas”, dificultando a permanência em sala de aula; e há “ausência de acessibilidade” aos estudantes e visitantes portadores de necessidades especiais ou que, por razões fortuitas, tenham dificuldade para se locomoverem, uma vez que o acesso às salas se dá por escadas, uma vez que inexistem rampas ou elevadores nos prédios.

Nos três aspectos trabalhados na atividade, em especial no administrativo e estrutural, pôde-se perceber que a roda de conversa estimulou ao grupo o reconhecimento mútuo das forças geradoras de sofrimento na vida universitária. Isso está em consonância com os preceitos da teoria Psicodinâmica do Trabalho, muito embora o grupo de participantes não seja exatamente aquele que é alvo das intervenções na área, como já fora mencionado neste texto. Segundo Dejours & Abdoucheli (1994), “a escolha por metodologia que abordasse os trabalhadores em sessões coletivas justificava-se pelo fato de que “os trabalhadores em grupo eram capazes de reconstruir a lógica das pressões de trabalho que os fazem sofrer e também podiam fazer aparecer as estratégias defensivas coletivamente construídas para lutar contra os efeitos desestabilizadores e patogênicos do trabalho” (p. 124, com grifo no original).

Quando finalizado o momento das falas dos participantes, a coordenadora fez um resumo integrando os pontos que haviam sido verbalizados em cada um dos três aspectos propostos inicialmente para discussão, reportando-se à lousa, onde estavam as anotações.

Finalizado o resumo sobre o aspecto interpessoal, os estudantes dispensaram total atenção ao fato de que aquele conteúdo impacta de forma significativa suas vivências de bem-estar e mal-estar na universidade. Os participantes demonstraram estar ansiosos em relação à

possibilidade das revelações que ocorreram na roda de conversa poderem servir positivamente como um estopim para a mudança.

O fato de muitos colegas terem demonstrado sentir-se mal com a forma como eram tratados pelos colegas sensibilizou o grupo. Houve discursos de mea culpa, pedidos de desculpa, falas emocionadas e também emocionantes ao grupo. Também surgiram promessas de mudança de postura em relação aos colegas e a demonstração de um sentimento de alívio pelo fato de terem percebido que algumas situações de sofrimento, que se pensava ser individuais, não eram vividas de forma isolada, o que gerou identificação entre os pares.

O grupo foi estimulado a escolher uma frase que expressasse o que aquele conteúdo significava ao coletivo dos participantes e ela foi “eu me importo contigo”. Todos aceitaram o convite de ficarem de pé, ainda em forma de roda, e moverem-se uns em direção aos outros para proferirem essas palavras uns em relação aos outros. Esse foi um momento de grande emoção no grupo, de troca de olhares ternos e de sorrisos leves, com semblantes muito diferentes daqueles que trouxeram consigo no início da atividade.

Em relação ao aspecto administrativo, relativo à postura de alguns professores, os estudantes reforçaram a importância do conteúdo ali debatido ser levado ao professor titular da disciplina, que estava ausente da sala de aula no momento da realização da roda de conversa, para que o mesmo pudesse transmitir esse fato a quem de direito, na universidade, fosse capaz de auxiliar na solução do conflito. Quando perguntados pela coordenadora se, primeiramente, antes de levar a outras instâncias universitárias, não seria interessante a possibilidade de o professor vir a discutir esse tema com os estudantes, sem envolvimento da hierarquia inicialmente, todos concordaram ser uma boa iniciativa.

A respeito dos aspectos estruturais, os estudantes reconheceram que há pouca participação deles próprios nas entidades representativas de estudantes, já que há uma espécie de grêmio estudantil que se renova a cada período de tempo, e que tem como uma de suas atribuições fazer a interlocução entre os estudantes e os gestores da universidade, no intuito de alcançar melhorias. Os participantes comprometeram-se entre si a seguir mais de perto as eleições estudantis, acompanhar com mais atenção as propostas das chapas concorrentes e até mesmo virem a se candidatar, de forma a dar voz às questões inerentes aos estudantes de psicologia.

Finalizada a roda de conversa, todos desfizeram a roda e sentaram-se nas cadeiras, atrás das carteiras que serviram de assento durante a realização da atividade, e comentaram sobre a experiência que acabara de ser compartilhada. Disseram-se satisfeitos com os resultados, apesar

de alguns terem sinceramente exposto que, inicialmente, pensaram que esse seria um momento entediante, com pouco aproveitamento em termos acadêmicos.

Alguns estudantes fizeram discursos emocionados de agradecimento pela oportunidade de participação na roda de conversa, dizendo-se “mais leves” em relação aos colegas e também mais motivados para buscar soluções aos problemas comuns. Nessa hora, foi fácil identificar os líderes naturais da turma, com alto engajamento em relação aos problemas dos colegas e na busca de soluções.

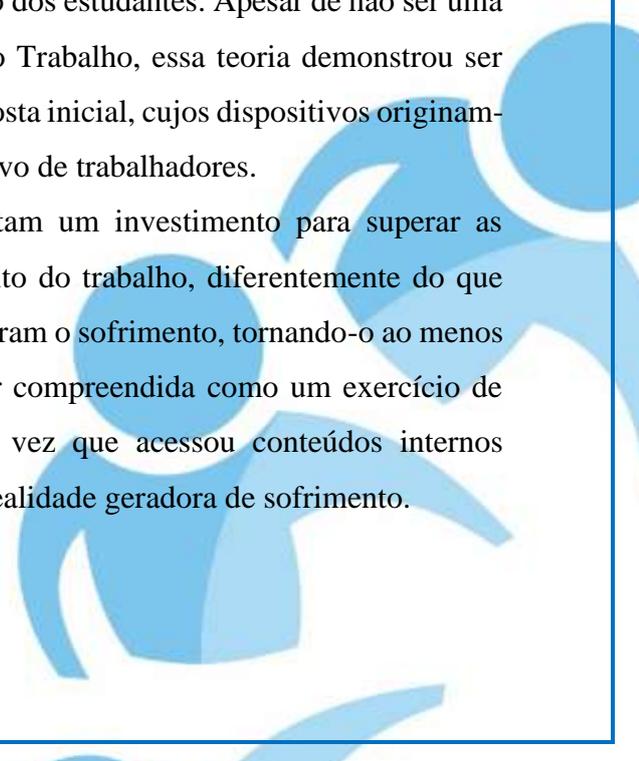
Um momento também relevante do ponto de vista do fortalecimento dos laços do coletivo foi o fato dos participantes terem chegado à conclusão de que, caso os estudantes fossem mais colaborativos entre si, o problema de acessibilidade dos prédios de sala de aula seria um obstáculo de menor importância. Se um aluno imobiliza as pernas, mas pode contar com seu colega na hora da dificuldade, não será necessário perder aulas em razão da ausência de rampas, pois as escadas podem perfeitamente ser vencidas carregando-se o colega nos braços.

Os participantes disseram-se motivados a fazer uso dessa técnica quando de sua atuação futura como psicólogos e alguns se afirmaram estar preparados para tentar conduzir uma roda de conversa no papel de coordenadores. Semanas depois, uma das estudantes ofereceu uma roda de conversa sobre temática ligada a questões de gênero.

Considerações finais

A roda de conversa foi uma técnica importante para fazer emergir questões relevantes que estreitasse os laços de solidariedade entre o coletivo dos estudantes. Apesar de não ser uma atividade eminentemente oriunda da Psicodinâmica do Trabalho, essa teoria demonstrou ser mais abrangente de ser utilizada do que sugere sua proposta inicial, cujos dispositivos originam-se na clínica psicanalítica e cujo público-alvo é o coletivo de trabalhadores.

As estratégias de mobilização subjetiva denotam um investimento para superar as dificuldades e experiências dolorosas vividas no âmbito do trabalho, diferentemente do que ocorre quando da utilização das defesas, as quais mascaram o sofrimento, tornando-o ao menos suportável. Essa experiência em sala de aula pode ser compreendida como um exercício de mobilização coletiva por parte dos estudantes, uma vez que acessou conteúdos internos relevantes e potencialmente capazes de transformar a realidade geradora de sofrimento.



Diferenças culturais entre a coordenadora, que é brasileira, e os participantes, que em sua maioria são moçambicanos, foram superadas e inclusive valorizadas, quando oportuno, em prol do adequado desenvolvimento da atividade.

A realização da roda de conversa cumpriu três importantes papéis: migrar o conteúdo teórico sobre a técnica Roda de Conversa para a prática; trabalhar questões ligadas à saúde mental dos estudantes universitários; e reforçar elementos teóricos da teoria psicodinâmica do trabalho, que apenas havia sido apresentada por meio de palestras. Os principais pontos da teoria foram rememorados ao final da atividade, juntamente com as devidas justificativas sobre a necessidade de adequação da atividade.

Espera-se que ações de cooperação internacional continuem fazendo parte da agenda governamental. Tais iniciativas são importantes para o desenvolvimento acadêmico, profissional e pessoal do pesquisador de pós-graduação, favorecem a capacitação em docência, além de permitir relevante troca de experiências entre povos de culturas diferentes, imersos em um mundo cada vez mais globalizado.



REFERÊNCIAS

- Amaral, G. A., Mendes, A. M. & Facas, E. P. (2019). (Im)possibilidade de mobilização subjetiva na clínica das patologias do trabalho: o caso das professoras readaptadas. *Revista Subjetividades*, 19(2), e8987, 1-14.
- Dejours, C. (1992). *A loucura do trabalho: Estudo de psicopatologia do trabalho* (5ª ed.). Cortez Oboré.
- Dejours, C. (2004). Entre sofrimento e reapropriação: o sentido do trabalho. Em Lancman, S., Sznelwar, L. I. (Orgs.). *Christophe Dejours: da psicopatologia à Psicodinâmica do Trabalho* (pp. 303-316). Paralelo 15.
- Dejours, C. & Abdoucheli, E. (1994). Itinerário teórico em psicopatologia do trabalho. Em C. Dejours, E. Abdoucheli, & C. Jayet. *Psicodinâmica do trabalho: contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho* (pp. 119-145). Atlas.
- Dejours, C. (2019). *Psicossomática e teoria do corpo*. Blucher.
- Freire, P. (1970). *Pedagogia do oprimido*. 17ª ed. Paz e Terra.
- Freire, P. (1979). *Educação e mudança*. Paz e Terra.
- Freire, P. (1996). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática pedagógica*. Paz e Terra.
- Freire, P. (2000). *Pedagogia da Indignação*. Editora UNESP.
- Freire, P. (2003). *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Paz e Terra.
- Mendes, A. M. (2007). Da psicodinâmica à psicopatologia do trabalho. Em Mendes, A. M. (Org.). *Psicodinâmica do trabalho: teoria, método e pesquisas* (pp. 28-48). Casa do Psicólogo.
- Mendes, A. M. & Araujo, L. K. R. (2011). *Clínica psicodinâmica do trabalho: práticas brasileiras*. Ex Libris.
- Mendes, A. M., & Duarte, F. S. (2013). Mobilização subjetiva. Em Vieira, F. O., Mendes, A. M. & Merlo, A. R. C. (Orgs.). *Dicionário crítico de gestão e psicodinâmica do trabalho*. (pp. 259-262). Juruá.
- Sznelwar, L. I.; Uchida, S.; Lancman, S. (2011). A subjetividade no trabalho em questão. *Tempo social*, 23(1), 11-30.
- Warschauer, C. (2001). *Rodas em rede: oportunidades formativas na escola e fora dela*. Paz e Terra.
- Warschauer, C. (2002). *A roda e o registro: uma parceria entre professor, aluno e conhecimento*. Paz e Terra.